

Discípulas e discípulos nos caminhos da missão servem com integridade

Apresentação

O Colégio Episcopal da Igreja Metodista apresenta a pastoral orientadora para a reflexão e ação de cada metodista, em cada comunidade local, sob o tema do ano: “Discípulas e discípulos nos caminhos da missão servem com integridade”.

Nesta pastoral, descrevemos aspectos importantes da integridade, seu conceito no contexto do tema e como construir a integridade à luz dos valores e princípios da Palavra de Deus e de sua prática em nossos tempos atuais.

Recomendamos seu estudo em grupos, nas classes de Escola Dominical, nos cursos de preparação de líderes, em ministrações baseadas nela para cultos e encontros diversos da vida da Igreja Metodista em terras brasileiras.

Em tempos de fragmentação, de crises diversas, desde aspectos de nossa economia e cultura, passando pela influência das tecnologias atuais, abalos políticos que afetam pessoas, famílias e cidades, questionamentos acerca de todas as bases que compõem o humano e as sociedades, o tema da integridade se faz relevante para nós.

Nesse sentido, perguntamos pela integridade do serviço que prestamos, recordando, entre outros textos, o sermão “Discurso ao Clero”, no qual Wesley, falando aos pastores de sua época, também hoje nos questiona, tanto no corpo pastoral quanto no corpo laico da Igreja, acerca dos motivos que nos levam a servir. Discernir, arrependê-nos e redirecionar nossas motivações mais interiores quando se trata de servir a Deus e ao próximo, à próxima são prerrogativas inadiáveis para um povo que anseia vivenciar um discipulado autêntico, bíblico e em santidade.

Que Deus abençoe sua leitura e prática a partir desta pastoral!

Colégio Episcopal da Igreja Metodista

Definindo integridade a partir de Mateus 6

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque, ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.”

(Mateus 6.24)

Todo o capítulo 6 de Mateus é uma grande compilação de ditos de Jesus acerca de “princípios e valores”, uma expressão que temos recentemente incorporado ao nosso vocabulário na aprendizagem acerca do discipulado. Não é nossa intenção no propósito desta pastoral aprofundar esses conceitos, mas pontuá-los pode ser importante para as próximas reflexões.

Valores são as coisas que nos movem internamente, que são de fato importantes para nós. Os autores e autoras que abordam o tema da liderança nos advertem de que todas as pessoas e instituições possuem valores. A questão é saber se eles são bons ou não. O problema é que nem sempre os valores declarados, aqueles que aparecem em nossas falas, cartazes e sermões, são os reais. Dizemos que a oração é um valor, mas não oramos. Dizemos que a evangelização é um valor, mas não evangelizamos. Portanto, descobrimos nossos valores olhando para aquilo que fazemos. Exemplificando, alguém declarou: “As pessoas fazem o que elas valorizam e valorizam o que fazem”. Um diagnóstico de nossas atitudes e práticas irá demonstrar nossos valores atuais, e um arrependimento profundo e verdadeiro vai apontar as mudanças de valores a que o Espírito Santo nos quer conduzir. Podemos definir nossos valores como nossas práticas e hábitos.

Já os princípios são verdades profundas, entendidas como autoevidentes. Possuem um caráter coletivo e são a causa primária de nossos valores, os rudimentos, as origens que fundamentam nossas escolhas. Por exemplo, o arrependimento é um princípio bíblico pelo qual os valores de uma comunidade de fé se desenvolvem. As práticas das comunidades podem ser diferentes em alguns aspectos, mas sempre estarão, de algum modo,

conectadas pelo princípio e tenderão a aproximar-se em aspectos comuns. Se fugirem demais, esses valores estarão em desconexão com o princípio.

Por esse entendimento, podemos dizer que Jesus coloca nesse capítulo inteiro a integridade como valor diante do princípio da submissão a Deus e à sua vontade. Integridade, de acordo com o dicionário, “vem do latim *integritate*; significa a qualidade de alguém ou algo a ser íntegro, de conduta reta, pessoa de honra, ética, educada, briosa, pundonorosa, cuja natureza de ação nos dá uma imagem de inocência, pureza ou castidade; o que é íntegro, é justo e perfeito, é puro de alma e de espírito” (Wikipédia).

Sendo assim, a integridade como valor aparece na prática: na pureza de intenção ao dar a esmola, ao orar e ao jejuar. O objetivo dessas ações não é o de apresentar-se como um ser aprovável e louvável a outros seres humanos, senão, do íntimo, fazer o bem e agradar a Deus. Dessa forma, o *fazer o bem como princípio* deve levar ao valor da *integridade*. Não deve haver dúvida acerca da motivação que nos leva a orar, jejuar e oferecer esmolas.

A oração do Pai Nosso também aparece nesse modelo por oposição ao falatório dos gentios. O objetivo da oração não é convencer a divindade das carências humanas, como os gentios eram ensinados a fazer. Ao contrário, é relacionamento com Deus. Daí que a síntese dessa oração de Jesus objetiva que, ao orar, possamos realmente dizer a verdade a Deus, em termos de necessidades, mas também de receber dele as orientações acerca de sua vida, rendendo-lhe autêntica glória e louvor. Além disso, a oração expressa relacionamento com o próximo, e para ter o valor da integridade é preciso o princípio de orar para estar em contato com Deus e sensível às necessidades das pessoas. Caso contrário, a oração se torna hipócrita: parece, mas não é.

No restante do capítulo, o tema da integridade se relaciona com a fé, outro princípio, pois “sem fé é impossível agradar a Deus”. Se cremos em Deus, então a totalidade de nossa entrega deve ser manifesta. Não podemos ter dúvidas de que Deus suprirá as nossas necessidades físicas, emocionais e espirituais. Devemos consolidar nossa fé a fim de não ficarmos em um estado de

divisão entre confiar e tentar gerir nossa vida por nós mesmas(os).

No versículo em destaque, Jesus exemplifica o problema da falta de integridade, que gera oscilação entre dois senhores. Nosso Mestre utiliza o exemplo do dinheiro, pois se trata de um valor consistente para o ser humano. Almejamos uma boa vida, sonhamos com condições tranquilas ou de abundância. O problema é que esse valor, desvirtuando-se, pode colocar no lugar de Deus aquilo que não é. No momento da crise, o verdadeiro valor de um ser humano aparece, para seu bem ou para seu mal.

Portanto, é a integridade que permite que a cristã ou cristão apresente-se com um testemunho consistente ao mundo; que se torne confiável a ponto de ser possível segui-la(o) na imitação de Cristo. Integridade não significa perfeição, no senso comum do termo. Significa que o conjunto de ideias e práticas que dirige uma pessoa em sua ação diária é possível de ser percebido, entendido pelas outras e outros ao seu redor, de modo que sua conduta reflete aquilo que diz, na melhor medida possível.

Como discípulas e discípulos nos caminhos da missão, devemos servir em integridade. Esse tema, proposto para o ano de 2018, nos desafia a olhar diretamente para o nosso testemunho e para as motivações mais interiores que nos guiam na prática de nossa fé. Reconhecemos, diante de Deus, que a Igreja só poderá falar e agir com poder e autoridade quando seu interior for íntegro diante de Deus.

O problema da integridade

Warren Wiersbe, no já clássico *A crise de integridade* (1993), faz um duro diagnóstico sobre a perda de poder e de influência da Igreja no mundo. Segundo ele,

A igreja acostumou-se a ouvir pessoas contestarem a mensagem do Evangelho, porque essa mensagem é loucura para os perdidos. Mas hoje a situação está embaraçosamente invertida, pois o mensageiro passou a ser suspeito. Tanto o ministério quanto a mensagem perderam a credibilidade perante um mundo

atento, que parece estar a divertir-se com o espetáculo. “Por que é que havíamos de escutar a igreja?” pergunta o mundo crítico. “Com que autoridade vocês, cristãos, nos pregam sobre pecado e salvação? Ponham ordem na própria casa; depois talvez queiramos escutá-los” (WIERSBE, 1993, p. 11).

Essa questão dolorosa nos invade em tempos nos quais a temática da liderança relevante percorre igrejas e instituições em todo o mundo. Temos o desafio de impactar, de fazer a diferença e levar a transformação do Evangelho aos confins da terra, por meio da salvação e da vida abundante prometidas por Jesus. Porém, todos os dias, as igrejas ou seus representantes são denunciados por envolvimento em práticas frontalmente contrárias ao Evangelho que se propõem a pregar. O que está errado? Novamente, Wiersbe confronta:

Dizer as palavras certas, ter as credenciais certas, pregar sermões de textos certos, ajudar pessoas com problemas, e até mesmo fazer milagres jamais pode tomar o lugar de fazer a vontade de Deus. A tragédia de hoje, porém, é que muitos não conhecem a diferença entre realidade e fingimento; o que a maioria chama de bênção, pode ser, na realidade, julgamento de Deus (op. cit., p. 17).

A maior dificuldade que a Igreja enfrenta não é o pecado que existe no mundo ou o sistema pecaminoso no qual ela se insere, pois as Escrituras afirmam que “o mundo jaz no maligno” (1 João 5.19). O maior problema da Igreja é a falta de autoridade e de poder, características reconhecidas no ministério de Jesus e nas servas e servos que em todos os tempos atuaram em nome do Senhor. Quando, no decorrer da história, isso aconteceu, ou seja, a Igreja se afastou dos padrões bíblicos de santidade e pureza, sua autoridade se esvaziou e ela perdeu o poder de salgar e iluminar. Com isso, a propagação do Evangelho transformador deixou de alcançar sua inteireza. Mas como Cristo é o Senhor da Igreja, também por meio de seu Espírito Santo

ele levanta pessoas dispostas a trazer a Igreja de volta ao caminho da santidade interior e prática.

O povo de Israel, em seu tempo, se viu muitas vezes nessa situação. Jeremias sofreu de perto os efeitos de denunciar os erros de sua própria nação, incapaz de enxergá-los, arrepende-se e mudar. Entre as graves denúncias contidas no capítulo 23, dedicado aos falsos profetas, está a sofrida declaração: “Porque tanto o profeta, como o sacerdote, estão contaminados; até na minha casa achei a sua maldade, diz o Senhor” (Jeremias 23.11). Contudo, os danos dessa prática perniciosa permanecem até os nossos dias, pois Deus precisa estabelecer uma nova aliança, uma vez que a antiga, feita com os patriarcas, se revelou incapaz de ir a bom termo.

O resultado da falta de integridade é explícito na trajetória do rei Amazias, em 2 Crônicas 25. Em particular no verso 2, se diz: “E fez o que era reto aos olhos do Senhor, porém não com inteireza de coração”. A falta de inteireza faz com que surjam outros pecados, tais como a hipocrisia, a vida de aparências. A inteireza ou integridade, por sua vez, pode ser exemplificada nos termos dos dez mandamentos acerca de como amar a Deus, conforme destaca Jesus: “E um deles, doutor da lei, para o experimentar, interrogou-o, dizendo: Mestre, qual é o grande mandamento na lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento” (Mateus 22.35-38).

Assim, quando o Colégio Episcopal propõe o tema do biênio: “Discípulas e discípulos nos caminhos da missão servem com integridade”, refere-se à necessidade de uma vivência prática do Evangelho em sua plenitude, em termos de emoção (coração), vontade (alma) e entendimento (atitudes, pensamentos e ações). Para lembrar a reflexão de Wiersbe, falamos de “um coração honesto, uma mente honesta e uma vontade honesta” (op. cit., p. 17). Um evangelho íntegro é um evangelho no qual, ao contrário do diagnóstico de 2 Timóteo 3.5, haja tanto a aparência de piedade quanto seu real poder. Nesta pastoral, vamos conhecer as implicações práticas desse desafio.

Construindo a nossa integridade: arrependimento e mudança

Em tempos de reformas, é um consenso levantado pelo Espírito Santo que a confissão de pecados, presente nas pregações das mulheres e homens que se levantam para proclamar a Palavra de Deus, passe pela verificação da distância entre a prática e a teoria. Todo avivamento começa por uma conversão, uma metanoia, uma volta do povo de Deus aos princípios bíblicos e aos valores da Igreja de Cristo. Não é uma fala para fora, mas para dentro.

O reconhecimento de que existe uma distância entre Deus e suas servas e servos é insuperável para que o derramar do Espírito Santo venha, trazendo a integridade outra vez. Por isso, o autoexame é fundamental, para verificar nossas motivações interiores, para transformar nossos valores, como pontuado na introdução. Wesley coloca o autoexame nos seguintes termos, quando pensava o chamado pastoral:

E qual foi a minha intenção em tomar sobre mim este ofício e ministério? Qual foi ela, em cuidar desta paróquia, quer como Ministro ou Cura? Ela foi sempre, e é agora, total e somente para glorificar a Deus, e salvar almas? Meus olhos têm sido puros nisto, desde o princípio? Eu nunca tive, ou tenho agora, alguma mistura em minha intenção; alguma liga de metal desprezível? Eu tive, ou tenho, nenhum pensamento de ganho mundano; “lucro imundo”, como o Apóstolo o denomina? Eu, a princípio, tive, ou tenho agora, nenhum objetivo secular? Nenhum olho para honra ou cargo honorífico? Para a renda abundante; ou, pelo menos, meios suficientes para subsistência? Um meio de vida prazeroso e confortável? (WESLEY, “Discurso ao clero”, 1756).

A indagação, feita às pessoas que queriam se tornar pregadoras da Palavra e pastores ordenados (só os homens eram ordenados então), serve para todas as pessoas no contexto da Igreja hoje. Seu

coração, sua mente e sua vontade são honestos quando se trata de servir a Deus? O autoexame interior leva ao autoexame da prática, o próximo ponto de nossa reflexão.

Construindo a nossa integridade: caráter como inteireza de vida e testemunho vital

O famoso pregador Spurgeon escreveu: “Senhor, ajude-nos não apenas a sermos capazes de discernir a diferença entre o certo e o errado, mas, por favor, nos ajude a discernir entre o certo e o quase certo”. Muitas vezes, a sutileza das motivações interiores pode nos levar para longe do verdadeiro serviço a Deus. Observe isso nos argumentos de Jesus: “Nem todo aquele que diz a mim: ‘Senhor, Senhor!’ entrará no Reino dos céus, mas somente o que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos dirão a mim naquele dia: ‘Senhor, Senhor! Não temos nós profetizado em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios? E, em teu nome, não realizamos muitos milagres?’ Então lhes declararei: Nunca os conheci. Afastai-vos da minha presença, vós que praticais o mal” (Mateus 7.21-23).

Apesar de as obras exteriores apontarem uma fidelidade ao mandamento de Jesus, este, que conhece as intenções, reprova-as. É o mesmo ponto do texto de Mateus 6, que podemos entender como: “Não basta fazer a vontade de Deus, é preciso fazer do jeito de Deus”. Aquilo que move mais interiormente o ser humano é a chave de relevância que faz toda a diferença, pois no Reino os fins nunca justificam os meios. Em algum momento, as reais intenções de cada atitude aparecem, e a falta de integridade coloca tudo a perder: credibilidade, resultados, expectativas, frutos... que não permanecem.

Paulo, certa vez, ao solicitar uma oferta, coloca a transparência e a inteireza das intenções nos seguintes termos, para evitar qualquer dúvida: “Não damos motivo de escândalo a ninguém, em circunstância alguma, para que o nosso ministério não caia em descrédito” (2 Coríntios 6.3). Ele sabia que a missão estaria em risco se as discípulas e discípulos não fossem pessoas íntegras. O descrédito acaba com qualquer iniciativa, afugenta os ouvintes e não gera transformação de vida nem opera a salvação.

As cristãs e cristãos precisam ser pessoas confiáveis em todos os aspectos.

Outros aspectos da integridade, relacionados com o testemunho, podem ser observados nos seguintes textos:

“Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas” (Mateus 7.12).

“Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna” (Mateus 5.37).

“E disse-lhes: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações, porque o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação” (Lucas 16.15).

Como estamos falando de autoexames, podemos perguntar: que lições nós podemos extrair para a nossa prática e nossa motivação interior a partir desses textos? Faça uma lista para você e avalie seu ministério.

Construindo nossa integridade: escolhendo influências

Joás fez o que era reto diante do Senhor enquanto o sacerdote Joiada estava vivo (2 Crônicas 24.3).

Joás foi um dos reis-meninos de Israel. Em geral, esses reis se tornaram bons e exemplares, como ocorreu com Josias. Eles tiveram boas influências desde a infância e foram orientados no caminho de Deus. Mas a persistência de Joás nas leis de Deus só durou o tempo de vida de seu mentor. Joiada faleceu, e então veio a restauração das antigas práticas, dos desvios cúlticos e dos problemas religiosos de Israel. A integridade como valor é algo que precisa de resistência e continuidade. Para obtê-la no caminho do discipulado, precisamos estar sempre observando as influências em nossa vida.

Nós temos pessoas em nossa vida que nos inspiram e nos dirigem em várias direções. Mesmo quando nos consideramos pessoas adultas e responsáveis, podemos nos ver sob a força de um mau exemplo. Muitas pesquisas falam de pessoas que se tornam infelizes e depressivas ao conviver com muita gente com um toque pessimista de viver. O contrário também é verdadeiro. Pessoas

entusiastas animam as outras. O que isso quer dizer? Que influenciemos e recebemos influências o tempo todo. Algumas são perceptíveis e nítidas, aparecem no nosso comportamento, no modo de vestir, nos ambientes que frequentamos, livros que lemos, expressões de fala, etc. Outras são mais sutis e profundas e podem emergir apenas em tempos de crises, de lutas profundas ou de grandes mudanças.

Porém, estar por perto das boas influências pode não ser o bastante. Judas esteve por perto de Jesus. Muitos dos companheiros próximos de Paulo o abandonaram quando ele estava em perigo. Da mesma forma, estar por perto de más influências também não quer dizer a perdição total. Que o digam os amigos de Daniel, cercados por toda a idolatria e a opulência política perversa da Babilônia! Então, o que pode, de fato, fazer a diferença?

No livro *O monge e o executivo*, há uma frase singular. Quando o protagonista pergunta a seu mentor: “O que devo fazer agora?”, ele responde: “Tudo começa com uma escolha”. Foi escolha de Adão e Eva comer a fruta proibida. Foi escolha de José manter sua pureza sexual e de mente diante da mulher de Potifar. Foi escolha de Jesus entregar sua vida por nós. Também foi escolha de Joás colocar um prazo de validade nos valiosos conselhos de Joiada. Se tão somente ele tivesse prosseguido neles, talvez a história fosse diferente.

No nosso serviço íntegro no Reino de Deus, por meio da Igreja Metodista, devemos ser as pessoas que exercem influências positivas, salvíficas e missionárias na vida das outras. Também precisamos encontrar pessoas com essa mesma disposição e entrega, que exerçam essas influências sobre nós. E para que geremos – em nós e nelas – valores e práticas que permaneçam e transformem, precisamos ensinar e aprender acerca da resiliência, da perseverança e do crescimento em maturidade. Precisamos saber que nossas escolhas trazem consequências reais e devem ser fruto de maturidade, oração e meditação na Palavra.

Na vida de Joás, as consequências de não manter a influência de Joiada foram devastadoras para ele e para todo o povo. Assim que Joiada faleceu, os antigos líderes retomaram as práticas idólatras e perverteram o direito e a justiça. E num momento

decisivo, quando foi atacado por adversários, Joás se viu sozinho e desamparado. Ele queria manter seu poder e seu reinado, mas à custa dos valores eternos. Como diz Hunter, “no fim, é uma questão de escolha: você vai ser um líder servidor ou um líder que serve a você mesmo? Várias pessoas ainda preferem servir a elas mesmas. Mas isto está mudando”. E ainda mais: estamos entre as pessoas que proporcionam e estimulam tal mudança? Essa disposição interior tem tudo a ver com a integridade no serviço!

Construindo nossa integridade: mantendo a força diante dos desafios

Em 1 Crônicas 28, Davi apresenta ao povo seus planos de construção do templo e seu herdeiro ao trono, Salomão. Davi está idoso, prestes a falecer. Ele quer garantir que tudo o que Deus determinara vai ser feito, mesmo após sua morte. A construção do templo é uma das determinações. É um sonho de Davi, há muito acalentado, que ele sabe que não poderá ver realizado. Imaginamos que seu sentimento é muito parecido com o de Moisés sobre o Monte Nebo. Uma perspectiva de tarefa cumprida, um desejo de ir além, uma impossibilidade. Mas também a confiança na promessa de Deus de que outras pessoas alcançarão o que eles apenas vislumbram.

Deve ter sido muito difícil para Davi abrir seu coração ao povo, mas ele admite abertamente que não poderá construir o templo porque Deus o considera um homem de guerra, que havia derramado muito sangue. Alguém assim não poderia construir um templo que deveria ser em louvor a Deus. No culto, não há espaço para guerras, contendas, violência. Diante da presença de Deus deve haver quietude, festa, quebrantamento, alegria, celebração. O cenário de distúrbios e dores de um campo de guerra, os apetrechos de um soldado ou a empáfia de um capitão são coisas que não cabem no contexto da adoração.

E então, em meio às suas instruções, Davi diz a Salomão para ser forte. A palavra em hebraico para forte é transliterada como “rhazac”. Muitas vezes a gente pensa que a força está relacionada com a

capacidade de causar impacto ou com vigor físico, ainda mais quando no contexto das conquistas, como é o caso de Josué 1.9. Mas Salomão não era um moço de guerra. O que a palavra “forte”, que é a mesma de Josué, pode significar?

Algumas traduções trazem “esforça-te”. No dicionário hebraico, o termo pode ser entendido como “ser constante, ser obstinado”. Também pode ser traduzido como *fortalecer* no tempo verbal causativo. A voz causativa, no hebraico, ocorre quando o sujeito da frase pratica uma ação mandada por outra pessoa, implícita no discurso. Isso significa que quando Deus diz a Josué: “Sê forte”, ele está concedendo a força para que seu servo seja forte, obstinado, determinado. Davi abençoa Salomão com essa mesma palavra, e, por ser um mandado de Deus, isso significa que *é uma bênção, uma ordem e uma palavra profética* ao mesmo tempo.

Porém, a perseverança ordenada e a bênção predita possuem um condicional muito claro. Várias vezes nesse texto temos uma pequena palavra que faz toda a diferença: “Se”. “Se ele perseverar em cumprir os meus mandamentos e juízos”; “Se o buscares, ele se deixará achar por ti; se o deixares, ele te rejeitará para sempre”.

São os “ses” que nos explicam a maneira de sermos fortes. A força de que a Palavra fala é, portanto, a força de permanecer, obstinadamente, nos propósitos divinos. A integridade tem tudo a ver com perseverança, pois o serviço de Deus é uma maratona de vida, não uma corrida de cem metros. Não tem a ver com capacidade humana, talento, dom, mas com foco. É fácil a gente se esquecer dos propósitos. Veja seu cotidiano: na dieta, nos estudos, na leitura de um livro, no casamento, na promoção no trabalho... quantas vezes nos pegamos saindo do foco? Por que seria diferente na vida espiritual?

Kris Vallotton, pregador americano, disse numa de suas ministrações que quando sentimos que não podemos prosseguir em algum propósito, pode ser tempo de fincar os pés no chão e sustentar a posição até que passe o momento calamitoso. Isso nos dará condições de seguir em frente. O retrocesso é considerado por Deus como fonte de desprazer, porque significa desconfiança em suas promessas. Mas a

permanência garante o avanço. A persistência tem tudo a ver com a integridade!

Assim, hoje, devemos, como Davi orientou a Salomão, observar e focar em cumprir e guardar os mandamentos e os juízos de Deus, empenhar-nos por eles; servir a Deus de coração íntegro, alma voluntária e vontade aberta a atender a tudo (1 Crônicas 28.7-10a). Assim como no exercício físico, é a força da perseverança que garantirá a saúde e o vigor que dará o impulso para obedecer ao serviço de Deus. E como no verbo causativo hebraico, a palavra que Deus profere é, em si mesma, a garantia do cumprimento. A nossa parte é sustentar-nos firmes no “se” para termos o “sim”. Como disse Stanley Jones, “todas as vezes em que você se recusa a encarar a vida e os problemas, você enfraquece o seu caráter”. Um caráter fraco não gera integridade, por isso o resultado do seu serviço não permanece. Oremos como João Wesley: “Oh, Senhor, não me deixe viver sem propósito!”.

Conclusão

A tarefa do seu ministério é clara para você. Quem é do louvor canta ou toca, ministrando a adoração a Deus. Quem é da ação social define projetos, ações e eventos para ajudar pessoas nas mais diversas necessidades. Quem prega dirige a Palavra de Deus de modo que o povo entenda. Quem dança traz a arte para levar as pessoas a uma experiência com Deus. Quem ornamenta o templo utiliza-se da beleza dos objetos e das cores para ensinar o povo os tempos e as épocas litúrgicas. Sua tarefa e como exercê-la não é o problema central. Qualquer curso, capacitação ou evento em sua igreja pode lhe dar as ferramentas práticas de que necessita para isso.

Porém, a integridade é uma experiência que precisamos ter com o Espírito Santo, para não sermos pegos e pegos fazendo as coisas “como os fariseus hipócritas”, com uma face pública e uma face privada. Bill Hybels afirma:

Ninguém pode viver muito tempo com tal disparidade sem perder a integridade. Ninguém está imune entre a face pública e a face

privada. Às vezes, a face que apresentamos em público requer extrema coragem; outras vezes a face pública é uma indicação de uma grande covardia. (...) O foco principal não é aquilo que falamos, mas a maneira como vivemos. Devemos ter uma natureza que convide outros a ver a bondade de Cristo e ser uma natureza que atraia e incite outros a descobrir o que significa ser perdoado e livre para viver com paixão e alegria (HYBELS, 2015, p. 65-66).

Como “discípulas e discípulos nos caminhos da missão que servem com integridade”, o resultado de nossa tarefa precisa ser um impacto profundo na vida das pessoas, que as leve a ensinar uma experiência real com Cristo por meio daquilo que somos, fazemos e falamos. A intenção real, a motivação interior, a missão secreta precisam ser coincidentes, sem hipocrisia, desejo de poder ou mera satisfação pessoal. Isso só acontece quando o Espírito Santo gera essa integridade em nós, por meio do arrependimento e da conversão genuínos. Precisamos constantemente dessa busca por integridade e precisamos construí-la. Aqui apresentamos apenas alguns pontos para que cada igreja local, cada integrante de um grupo pequeno ou célula, cada pessoa que atua em qualquer ministério possa ter um ponto de partida. De fato, com Cristo, sabemos onde começamos, mas jamais até onde sua graça, atuante em nós, pode nos levar em serviço. Porém, os limites somos nós que colocamos. Rendamo-nos inteiramente ao seu mover, e coisas extraordinárias poderão acontecer em nossa vida e no mundo, para a glória do seu nome.

Encerramos esta pastoral recordando as encorajadoras palavras de Wesley aos pregadores:

Oh, quem é capaz de descrever tal mensageiro de Deus, a fé executando totalmente seu alto ofício! (...) Veja o servo a quem ele tem o prazer de honrar, cumprindo a determinação de sua vontade, e em seu nome, falando a palavra, por meio da qual se ergue uma nova criação espiritual. Capacitado por ele, diz para as trevas informes, vazias da natureza: “Haja luz”; “e houve luz”. As coisas velhas se passaram: observe, que todas as coisas se tornaram novas. Ele está continuamente empregado naquilo que os anjos de Deus não têm a honra de fazer – cooperar com o Redentor da humanidade, “no conduzir muitos filhos [e filhas] para a glória”. Tal é o verdadeiro Ministro de Cristo; e tal, além de toda possibilidade de discussão, devemos ser você e eu (op. cit.).

Referências bibliográficas

- BÍBLIA SAGRADA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.
- HUNTER, James C. *O monge e o executivo*. 10. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- HYBELS, Bill et al. *Chamado para liderar*. São Paulo: Planeta, 2015.
- WESLEY, John. “Discurso ao clero”. Tradução de Izilda Belo. Disponível em: <https://www.johnwesley-izildabella.com.br/discurso-ao-clero-1756>.
- WIERSBE, Warren. *A crise de integridade*. São Paulo: Vida, 1995.

Carta Pastoral 2018 *Discípulas e discípulos nos caminhos da missão servem com integridade*

Colégio Episcopal 2017 a 2021

BISPO LUIZ VERGILIO BATISTA DA ROSA – *Presidente do Colégio Episcopal*
BISPO JOSÉ CARLOS PERES – *Vice-Presidente do Colégio Episcopal*

BISPA MARISA DE FREITAS FERREIRA – *Secretária do Colégio Episcopal*
BISPO PAULO RANGEL DOS SANTOS GONÇALVES
BISPO ROBERTO ALVES DE SOUZA
BISPO ADONIAS PEREIRA DO LAGO
BISPO JOÃO CARLOS LOPES
BISPO EMANUEL ADRIANO SIQUEIRA DA SILVA
BISPA HIDEIDE APARECIDA GOMES DE BRITO TORRES
BISPO FÁBIO GOMES DA SILVA

Secretário Executivo do Colégio Episcopal Bispo Stanley da Silva Moraes

Diagramação: N Lopez Publicidade

Revisão: Paulo C. Oliveira

**Angular**
editora
www.angulareditora.com.br